

E se houvesse uma hecatombe agora? A relatividade da perspectiva distópica na narrativa pós-apocalíptica de Pepetela

Luana Barossi¹

RESUMO: Este artigo traz uma leitura acerca da relatividade da experiência distópica das personagens notopos pós-apocalíptico da narrativa *O quase fim do mundo*, do angolano Pepetela. Ao considerar a distopia um acontecimento ou experiência, em vez de uma situação espaço-temporal, torna-se possível uma relativização da condição distópica, transfigurando seu atributo de totalidade generalizadora.

ABSTRACT: This paper brings a perspective on the relativity of the dystopian experience of the characters in the post-apocalyptic topos of the narrative *O quase fim do mundo*, by the Angolan Pepetela. Considering that dystopia is a happening or experience, instead of a spatiotemporal situation, it becomes possible to relativize the dystopian condition, transfiguring its generalizing character.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia; Pós-apocalipse; Relatividade; Pepetela

KEYWORDS: Dystopia; Post-apocalypse; Relativity; Pepetela

Chamo-me Simba Ukolo, sou africano, e sobrevivi ao fim do mundo.
(Pepetela)

O quase fim do mundo, do angolano Pepetela, apresenta um cenário pós-apocalíptico inicialmente presenciado pelas personagens sobreviventes, na cidade fictícia de Calpe — e, no decorrer da narrativa, no mundo todo — causado por uma espécie de arma de destruição em massa. A arma visava eliminar a humanidade através de “bombas” localizadas em pontos estratégicos do globo terrestre, e que, quando disparadas, eliminariam da terra todos os animais (incluindo seres humanos), fungos, bactérias e demais organismos vivos, à exceção das plantas. Sobreviveriam apenas os “neonazistas” da “Frente Nacionalista Europeia”, responsáveis pela arma, que se esconderiam em um *bunker* subterrâneo revestido de amianto nos Alpes Austríacos, além de alguns animais e bactérias escolhidos por cientistas por serem considerados indispensáveis à sobrevivência humana. No entanto, o amianto não foi suficiente para protegê-los da hecatombe, e todos morrem no abrigo. O ponto mais irônico da narrativa é que exatamente na África, local considerado de menor importância pelos elaboradores do plano, foram alocadas menos bombas do que as necessárias para eliminar todos os organismos vivos, resultando na sobrevivência de doze pessoas. É justamente lá que

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa com a pesquisa “Aspectos ciência-ficcionais nas literaturas de Língua Portuguesa”. E-mail: luanabarossi@usp.br

reside a “esperança” — ilusória — de iniciar uma nova sociedade. A ocorrência é irônica, pois os indivíduos que, de acordo com a Frente Nacionalista Europeia, deveriam ser eliminados são aqueles que sobrevivem e passam a ter livre acesso a todos os espaços do mundo, contrariando o objetivo primeiro dos idealizadores do plano, que era “impedir a imigração de gente dessas raças inferiores — árabes, judeus, ciganos e africanos — para os países europeus”.

O primeiro personagem a aparecer é Simba Ukolo, um médico que, junto com outras personagens, estabelece um plano de buscas por mais sobreviventes na região. Ele se mostra preocupado em testar as águas dos lagos para descobrir se há bactérias sobreviventes, bem como descobrir animais, na esperança de recolonizar o mundo não apenas com humanos, mas com um ecossistema equilibrado. Acreditava que os sobreviventes deveriam tentar se reproduzir ao máximo para salvar a humanidade, mesmo que isso fosse contra seus ideais pré-catástrofe ou intenções pessoais. A pequena Jude, uma adolescente de dezesseis anos, afinada com as intenções de Ukolo, tem até o intuito de “reproduzir-se” com ele. O médico se recusa a manter um relacionamento com ela, já que a considera muito jovem. Ela então busca alternativa em outros homens, como o ladrão encontrado na prisão local, Joseph Kiboro. Já a bela historiadora somali Ísis (por quem Ukolo demonstra interesse, mas que acaba por se relacionar com o feiticeiro etíope Riek) é uma feminista que não aceita desconsiderar todas as conquistas das mulheres contemporâneas em prol de reproduzir o máximo possível para recolonizar do mundo. Além de Jude e Ísis, só havia mais duas mulheres: a cientista americana que estudava os gorilas, Janet Kinsley e dona Geny, uma senhora de meia-idade praticante da religião dos “Paladinos da Coroa Sagrada”, uma espécie de seita inventada pelo grupo de neonazistas com o objetivo de controlar a humanidade e tornar a tarefa de eliminá-la mais fácil. O objetivo final dos neonazistas era a criação de um *Admirável mundo novo* aos moldes de Huxley (1979), uma sociedade teoricamente perfeita, mas que, ao contrário da narrativa inglesa, não ocorreria em um espaço cerrado circundado pelo “mundo selvagem”. Contavam com a eliminação completa de todos os outros sobreviventes, por meio de uma arma de destruição em massa (feixe gama-alfa):

Sobre as armas do “Feixe Gama Alfa” é necessário dizer que não são bombas, no sentido convencional do termo, não provocam explosões. Lançam radiações, ou melhor, as armas desintegram-se em radiações que limpam à sua volta todo o território correspondente a um continente como o australiano. As armas desaparecem pois com os alvos. Claro que os dedos que as detonarem também desaparecerão. Por isso não nos incomodamos nada pelo facto de esses dedos serem negros, árabes ou ciganos, tudo dedos condenados a desaparecer, de

qualquer modo, desde que sejam profetas sinceros, crentes nas virtudes da nossa fé. (PEPETELA, 2008, p. 342)

Ou seja, os próprios “praticantes” da religião criada pelo grupo seriam os “dedos” responsáveis pela eliminação da humanidade sem, no entanto, ter consciência dos reais objetivos escondidos por trás de sua crença: eram apenas “massa de manobra”.

Até o momento, os artigos ou resenhas sobre *O quase fim do mundo* com os quais tivemos contato buscavam classificar genericamente a narrativa em utopia, distopia ou eutopia. Não desconsideramos a possibilidade de tais leituras, mas notificamos a necessidade de modalizar a questão da distopia.

Etimologicamente, utopia significa "lugar nenhum" ou “não-lugar” e distopia significa "lugar mau" ou “lugar estranho”. Os dicionários comuns caracterizam apenas a distopia médica, referente à situação anômala de algum órgão. Mas o caso tratado aqui é o da distopia que estabelece uma relação de oposição com utopia, podendo ser a própria utopia vista sob outra perspectiva ou a realização às avessas dos objetivos afirmados por uma apropriação totalitária, por um plano ditatorial ou por uma guerra. De acordo com o *Oxford dictionary of science fiction* editado por Jeff Prucher (2007), distopia é uma sociedade imaginada ou estado das coisas na qual as condições são extremamente ruins, e que normalmente resultam da continuação de alguma tendência ou algum extremo. Levando em consideração os conceitos de criação literária utópica, que objetivam a elaboração de sociedades perfeitas, a distópica poderia ser considerada o contraponto, a negação da utópica, podendo se manifestar de formas diferentes. Citaremos três possibilidades.

A primeira resultaria do desenvolvimento de determinada sociedade seguindo modelos sob alguma perspectiva utópica, mas trazendo resultados opostos aos esperados. Um exemplo desse tipo de distopia seria a sociedade de *1984*, de George Orwell (1974), governada pelo pretense socialismo totalitário que sustenta a imagem controladora do “Big Brother” e repleta de indivíduos incapazes de fornecer uma perspectiva crítica sobre sua experiência. A segunda forma de distopia se dá através do desenvolvimento tecnocientífico exacerbado e/ou do crescimento urbano desordenado, originando espaços hiperlotados de indivíduos que — em sua maioria — convivem hostil e precariamente sem qualquer ou com quase nenhum indício de intenção de mudança (pessoal ou social). Esse tipo de distopia pode ser exemplificado pela narrativa *Do androids dream of electric sheep?*, de Phillip K. Dick (1967) e por *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão (2007).

O terceiro tipo de distopia compõe as narrativas pós-apocalípticas, que representam, de forma exacerbada, sociedades pós-guerra ou ainda sociedades após alguma catástrofe ambiental de proporções descomunais. Um exemplo desse tipo de narrativa é o romance de Pepetela.

Desta forma, as sociedades das narrativas distópicas, por um lado, estabelecem relações intrínsecas com as sociedades reais e seus paradigmas relacionados às formas de governo, ao desenvolvimento tecnológico e influência destes na formação e caracterização das comunidades e seus indivíduos. Por outro lado, são muitas vezes compostas por seres estranhos, ainda que inspirados nas possibilidades proporcionadas por esses paradigmas. A relação de estranheza pode se manifestar tanto na oposição entre humanos e esses indivíduos (robôs, ciborgues, cylons) quanto no método hiperbólico de representar a degradação das sociedades, do ambiente e da condição humana.

Se considerada como um “espaço-tempo” ou como um “topos”, a distopia torna-se uma espécie de “força generalizadora”, que é o que ocorre quando o objetivo é classificatório, ou seja: dizer que a narrativa pertence a esse lugar-comum. Considerar um evento qualquer uma distopia, seria partir do pressuposto que ele é o contrário do ideal, ou, ao menos, que foge do esperado. Contudo, propomos que não se assuma determinada circunstância como ideal (oposta a essa distopia) desconsiderando as outras perspectivas possíveis, que podem propor outras circunstâncias como ideais, e, conseqüentemente, em oposição, outras distopias. Por acreditar que a distopia é antes um acontecimento, passível de ser reconhecido através da experiência, preferimos “desgeneralizar” suas atribuições. A obra de Pepetela não é, pois, uma distopia, mas uma narrativa na qual as personagens *experienciam* distopias. Partindo da perspectiva das personagens, percebemos a relativização da distopia como experiência, ou seja, o que seria ideal ou utópico para uma personagem, não o é, necessariamente, para outra; assim como um acontecimento oposto ao ideal para a primeira, talvez não o fosse para a última. Ainda uma mesma personagem tem distintos programas de verdade (VEYNE, 1984) em lugar de uma verdade única, e cada um desses programas estipula o que é ideal em determinada circunstância. Para Veyne,

existe uma pluralidade de programas de verdade através dos séculos, que comportam diferentes distribuições do saber, e são estes programas que explicam os graus subjetivos de intensidade das crenças, a má-fé, as contradições num mesmo indivíduo. (VEYNE, 1984, p. 127)

A distopia é, portanto, relativa ao indivíduo e aos programas de verdade, e sua generalização pressuporia considerar um único indivíduo e uma única verdade.

A crença do grupo neonazista responsável pelo plano de destruição de que seriam uma “raça superior” é o primeiro “programa de verdade” responsável pela experiência distópica que aparece na narrativa. A distopia se dá para essas mesmas personagens, mesmo que não a tenham experienciado *in loco*. A descoberta, pelos sobreviventes da hecatombe, dos objetivos daquele grupo, através de cartas e descrições do plano, é suficiente para compreender que o resultado inesperado da sucessão de eventos transfigurou sua utopia em uma realidade distópica. Essa distopia se dá em duas dimensões: a primeira referente à própria morte, originalmente a única que se desejaria evitar, e que por erros de cálculo resultou na autodestruição; a segunda referente à sobrevivência de doze pessoas na África, exatamente aquelas que, de acordo com a “Frente Nacionalista Europeia” representariam os principais grupos-alvo do extermínio.

Para o médico Simba Ukolo, a distopia consiste exatamente na impossibilidade de dar prosseguimento à humanidade. Partindo do programa de verdade da ciência, mais especificamente da medicina, que coloca a manutenção da vida como objetivo primordial, a personagem busca calcular quantos filhos cada mulher sobrevivente deve parir para que a humanidade não seja extinta. No entanto, seus objetivos extinguem a humanidade sob outra perspectiva: a desconsideração da condição humana da pluralidade:

A única atividade que se exerce diariamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo. [...] A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista, ou venha a existir. (ARENDDT, 2007, p. 15-16)

No momento em que Ukolo atribui uma tarefa às mulheres sobreviventes desconsiderando se seus programas de verdade e suas intenções pessoais corroboram a “necessidade” de repovoar o mundo, o que correspondia ao programa de verdade dele, ignora a pluralidade e toma seu objetivo como ideal, da mesma forma que fizeram os neonazistas. A historiadora Ísis se recusa a abandonar todas as conquistas históricas das mulheres em prol desse objetivo considerado por Ukolo como primordial. Neste sentido, a utopia de Ukolo (repovoar o mundo) é a distopia de Ísis. Mesmo a “utopia” de Simba é ilusória, basicamente porque não há humanos suficientes para recolonizar o mundo, além dos objetivos de cada sobrevivente serem muito distintos. Esta é a distopia do protagonista.

A pequena Jude, por exemplo, sempre sonhara em conhecer a Europa e após a catástrofe decidira para lá migrar. Migração essa possível graças aos conhecimentos de voo e equipamentos aéreos do sul-africano Jan Dipenaar, que passou a ensinar os dispostos a pilotar as aeronaves pequenas. Desta forma, as personagens passaram a viajar a lugares diferentes. A utopia de Jude torna-se distopia, apesar da facilidade pós-catástrofe de conseguir passar pelas fronteiras da Europa: além dos edifícios e monumentos históricos, não há mais nada com o *glamour* esperado. Uma resignificação dos valores passa a ser necessária:

Agora o mundo parecia ser deles apenas, eram mais ricos que Cresus, todos os bens materiais a repartir por uns poucos. No entanto, de nada valia o ouro, os diamantes, os rubis, nem os euros ou os dólares, nada havia para comprar, tudo estava ali para ser consumido sem esforço. Estava como o naufrago numa ilha só com um coqueiro e uma arca de joias. Se a partir deles houvesse uma nova humanidade, essas riquezas ainda seriam consideradas riquezas? Uma boa questão. A nova humanidade era capaz de considerar joias uma folha seca de árvore rara ou o esvoaçar de uma pena de pavão. Quem poderia pressagiar os novos valores? (PEPETELA, 2008, p. 330)

Pensando nas personagens africanas como um conjunto, o topos pós-apocalíptico, que inicialmente representaria um esboço do fim do mundo, passa a simbolizar a quebra de barreiras e a curiosa “hegemonia” daqueles que foram historicamente explorados, além de terem suas culturas massacradas e suas identidades desconsideradas:

Há demasiada pouca gente no mundo para todas as riquezas. Se quisermos podemos dividir. Eu fico com Moscovo, tu ficas com Berlim, a Ísis com Paris e Jan com Amsterdão, Julius com Londres, etc. Ou podemos dividir os países. Ou até os continentes. Quem fica com a Ásia Oriental, quem fica com a África do Norte ou a América do Sul? Mas não é preciso. Acho que devíamos viver juntos no mesmo sítio, sobreviveremos mais facilmente. Foi o que andámos a fazer este tempo todo, a encontrar-nos, a juntar-nos... Acho que a única regra necessária é a do bom senso. (PEPETELA, 2008, p. 363)

Simba Ukolo inicia a história com uma crítica dura e realista: “sou africano e sobrevivi ao fim do mundo”. De fato, muitos sobreviveram a inúmeros microcosmos de “fim do mundo”. A distopia dos neonazistas europeus, que no decorrer da narrativa sofrem o processo de autodestruição (por serem ao mesmo tempo agentes e pacientes da catástrofe), pode corresponder à utopia dos demais indivíduos. Uma análise não deveria, então, “classificar” uma narrativa como distópica, mas apresentar os elementos sobre os quais a distopia se constrói, explicitando que um acontecimento não é necessariamente distópico a todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Global, 2007.

DICK, Phillip K. *Do androids dream of electric sheep?*. USA, 1ªed: 1968. Recuperado em 10 de maio de 2013, de: <http://www.kejvmen.sk/dadoes.pdf>

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Porto Alegre, Globo, 1979.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

PEPETELA. *O quase fim do mundo*. Lisboa: Dom Quixote, 2008.

PRUCHER, Jeff. *Brave new words: the Oxford dictionary of science fiction*. New York: Oxford University Press, 2007.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte*. Trad. Horácio González e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.